



1º CADERNO

Dossier

A vida dos ex-políticos

>> P.02



ECONOMIA

LIMNEV

Da "zunga" ao negócio formal

>> P.06



MUTAMBA

Música

Aline Frazão "Insular"

>> P.04



PAULO LARA



"A INDEPENDÊNCIA FOI FEITA POR TODOS"

>>P. 14

NOVO AEROPORTO

GESTÃO NAS MÃOS de estrangeiros



>>P. 04 Economia

PREPARAÇÃO

Palancas disputam torneio internacional



>>P.26

POLÍTICA

EUA atentos aos 15+2



>>P. 09

SOCIEDADE

CGSILA ameaça greve geral



>>P. 10

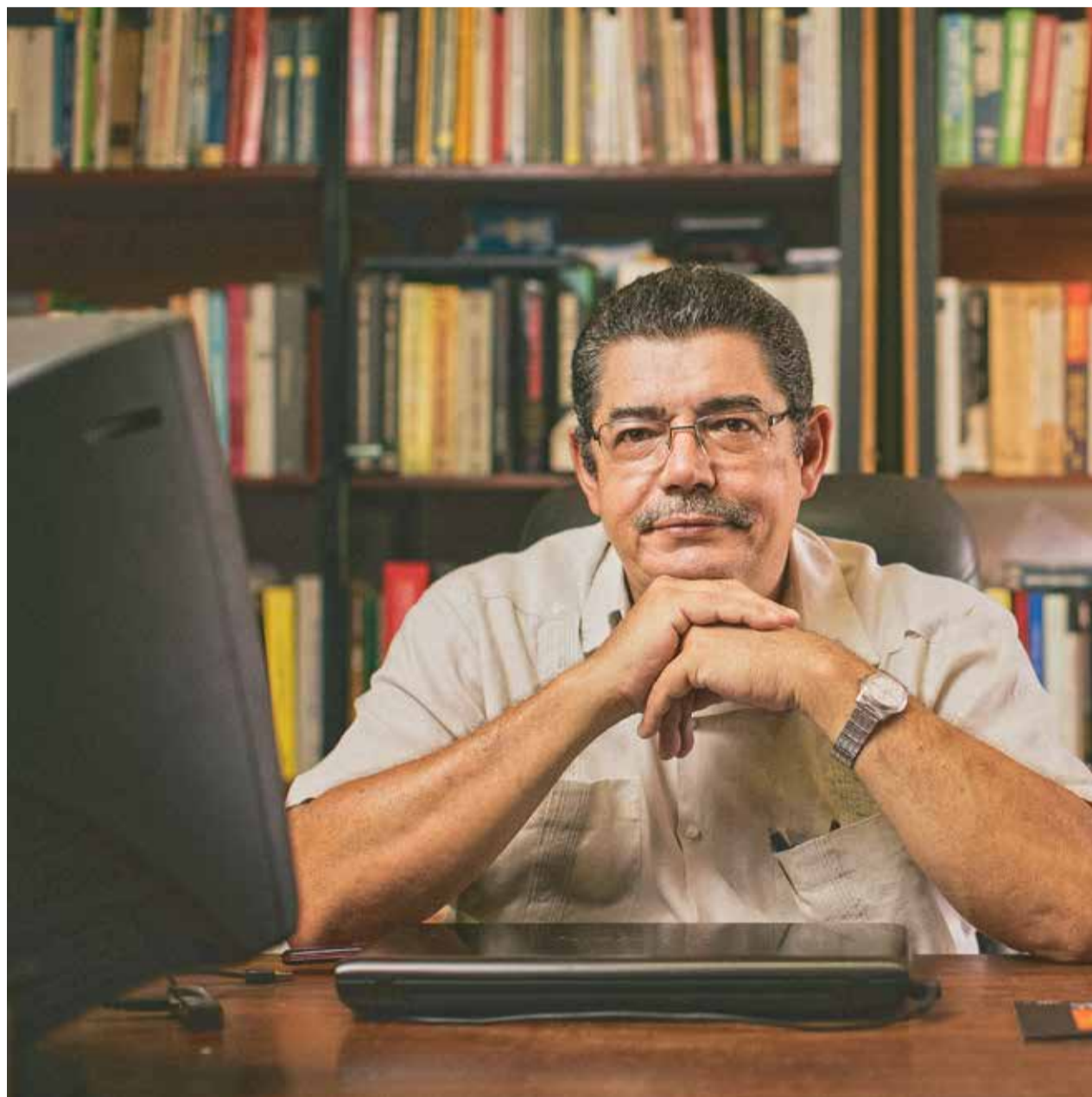
Entrevista

PAULO LARA

“Para a independência todos

Será provavelmente o mais importante documentário sobre a independência de Angola de que se tem memória, com vozes e presença de protagonistas que na clandestinidade sonharam o País Angola. Mas mais do que isso, será também um momento em que os angolanos irão ao encontro da sua própria memória individual e colectiva quando, no dia 8 de Novembro for apresentado, em Luanda, Malange, Huíla e Benguela, o documentário “Independência”, produção da Associação Tchiveka de Documentação e a Geração 80. Paulo Lara, um dos produtores do projecto, falou ao Novo Jornal sobre os meandros de um documentário que ignora “as habituais amarras político-partidárias” e conta a história do País sem olhar para as dissensões político-ideológicas que marcaram os movimentos de libertação nacional.

Entrevista **NOK NOGUEIRA** Fotos **ATD**



A Associação Tchiveka de Documentação (ATD) com o documentário “Independência” pretende experimentar um caminho pioneiro para uma melhor compreensão e até entendimento do processo de independência de Angola?

Quando surgiu, em 2006, a primeira preocupação que a ATD tinha era na altura salvaguardar a documentação preliminar que possuía o acervo de Lúcio Lara. Entretanto, os acervos de outras pessoas vieram paulatinamente enriquecer o arquivo e, evidentemente outro propósito era dar a conhecer às pessoas, ajudar fundamentalmente os investigadores, os professores e os estudantes, a poderem ter uma visão mais baseada em factos sobre aquilo que foi a nossa história. Surgiu a oportunidade de enriquecermos o acervo da ATD com a memória de protagonistas, porque começámos a ver que estávamos a correr um gran-

de perigo de perder, ao longo do tempo, aqueles que foram protagonistas da luta pela libertação. Hoje em dia, justamente com base nos documentos, com base em investigações que já foram feitas, livros que já foram escritos, memórias escritas por outros protagonistas, há muitos dados novos que surgem, mas que ainda ficam em dúvida. E achámos que era o momento oportuno, até porque politicamente o momento já facilitava mais a abertura das pessoas – tivemos aqui um momento em que as pessoas tinham receio de falar, ou quando falavam, faziam-no numa perspectiva politicamente correcta. Era necessário não fazer aquelas entrevistas simples, apenas para termos a voz das pessoas, mas aproveitarmos para aprofundar determinados momentos históricos onde ainda existem interrogações, para enriquecermos esses dados com as memórias. Esta foi a preocupação que tivemos e é

assim que acaba por surgir a ideia de se fazer um projecto, que foi o “Angola – Nos trilhos da independência”, que visava fundamentalmente aprofundar, através de entrevistas de protagonistas, momentos históricos da nossa luta. Não momentos históricos unicamente do movimento “a”, “b” “c” ou “d”, mas momentos históricos da luta, incluindo lutas que se passaram dentro dos movimentos, evidentemente. Um outro aspecto que achámos que era importante, era não só gravar mas termos a imagem. Evidentemente, isso implicava um trabalho aprofundado inicial de investigação que foi feito muito antes de 2010. O problema que se punha era fazermos esse trabalho com qualidade e termos os apoios indispensáveis. E é aí, já com a Geração 80, que surge a ideia de termos como objectivo final, a apresentação de um documentário.

Um dos elementos de maior

destaque do documentário “Independência” é o facto de estar claramente distanciado de amarras político-partidárias. A narração que se pretendia tinha exactamente esta pretensão, de fugir dessas amarras?

Este é um objectivo. O propósito é mostrar que a luta pela independência foi, antes de tudo, feita por angolanos. Houve efectivamente – e o documentário nem sequer foge disso – problemas internos, mas a maioria dos angolanos quando vai para a luta, foi para lutar contra o sistema colonial. Houve problemas entre angolanos, mas todos os angolanos, sejam eles de que movimento tenham sido ou que não foram de movimento nenhum, todos eles estavam virados para o fim do sistema colonial, para ter a independência, para ter a nacionalidade, para serem angolanos e não portugueses. E é nesse quadro que é dirigido todo o trabalho da ATD.

Esta ideia de fazer uma narrativa sobre a história da independência do ponto de vista dos três movimentos é um desafio que a ATD faz ao País?

Não acredito que seja um desafio. Já estamos a 40 anos da nossa independência, já temos a possibilidade de ver as coisas com mais frieza, com maior objectividade e compreendermos que, não obstante ter havido problemas entre angolanos, entre partidos, entre dirigentes, divergências ideológicas, não quer dizer que cada um de nós não tenha a sua visão sobre isso. Mas o que queríamos transmitir é que, para a independência, todos lutámos. E creio que o País caminha para esta via: entendermos que, sim, que houve uma luta de todos para a independência, que esteve para além de divergências internas.

É um documentário que está acima de qualquer suspeita?

“O politicamente correcto depende muito da visão política de cada um. Alguns, eventualmente, gostariam talvez que neste documentário se entrasse com maior profundidade nas questões políticas que levaram às divisões no seio dos nacionalistas”

lutámos”



“Estamos a mostrar partes de memórias que fomos buscar das 600 entrevistas que fizemos ao longo desses seis anos”

Isso serão vocês a dizer. Não vou agora dizer que está acima de qualquer suspeita.

Acima de qualquer suspeita no sentido da génese da ideia...

A génese da ideia é essa que acabei de dizer, agora cabe a vocês julgarem se efectivamente foi conseguido isso ou não. Alguns, que já viram o documentário, criticam o que consideram haver ainda uma determinada parcialidade por este ou por aquele. Uns dizem que saíram menos favorecidos, outros saíram mais favorecidos. Isso agora é a ideia de cada um. Mas para nós o objectivo foi, efectivamente, mostrar que os angolanos combateram pela independência.

Esta apreciação que faz agora foi levantada por altura da rotação (gravação) do documentário? Esta ideia de que poderia haver essa leitura de terem bene-

ficiado mais a este em detrimento daquele...

Durante a montagem do documentário houve a preocupação de mostrarmos, justamente, abrangência. Foi sempre a preocupação não só do documentário mas do projecto desde há seis anos. Foi sempre procurar abrangência no quadro de uma realidade que houve na luta de libertação nacional.

Não é pretensão nenhuma da ATD resumir a história de Angola neste documentário?

Nem pouco mais ou menos! Nós não estamos aqui a fazer a história de Angola. Estamos a mostrar partes de memórias que fomos buscar das cerca de 600 entrevistas que fizemos ao longo desses seis anos. Foram escolhidos alguns elementos, que foram enriquecidos por trabalhos que já existiam, de reportagem, etc., que fomos encontrar em vários outros arquivos, fundamentalmente em Portugal, mas também em outros países. Mas procurámos sempre esta abrangência. Sempre.

Estes testemunhos que foram recolhidos, cerca de 600, implicam que teremos outros projectos audiovisuais com esta perspectiva ou com uma outra?

O importante é saber que o material que nós recolhemos, e era esse o objectivo, permite não só à ATD, não só à Geração 80, mas a qualquer um, buscar materiais que lhe permitem fazer trabalhos mais ou menos nesta direcção. Não obrigatoriamente a ATD, mas qualquer um.

No início de conversa falava sobre o politicamente correcto, no sentido de haver uma narração que pudesse trazer para a nova geração esta perspectiva do que foi a luta pela independência. A ATD debateu-se muito com essa questão do politicamente correcto e do politicamente incorrecto por altura da produção do documentário?

O que é politicamente incorrecto para si? Se eu olhar para o documentário, para a maneira como foi feito, que procura o objectivo de mostrar que para a independência lutaram todos os angolanos, acho que o documentário persegue uma via correcta, estou absolutamente convencido disso. O politicamente correcto depende muito da visão política de cada um. Alguns, eventualmente, gostariam talvez que, neste documentário, se entrasse com maior profundidade nas questões políticas que levaram às divisões no seio dos nacionalistas, o que não era o nosso objectivo. Não queríamos aprofundar esta questão, mas mostrar que ela existiu, e que à volta dela existiu uma posição muito mais profunda dos angolanos, que foi acabar com o colonialismo e chegar à independência. Agora cada um de nós, seja



eu que fui protagonista, sejam os jovens, que olham cada um com a sua visão do que foram os antepassados, cada um tem a sua visão política, e pode achar que aqui talvez determinada palavra não tenha sido a ideal ou que as escolhas feitas não foram as mais correctas. Mas isso para nós, está correcto. Chegámos ao consenso que essa escolha estava correcta, mas isso depende sempre de cada um.

Como foi o processo de escolha dos protagonistas para este documentário?

Tivemos 600 protagonistas, foi difícil escolher. Mas melhor do que eu para falar sobre isso, apesar de que todos trabalhámos na escolha, quem teve o maior trabalho de andar a ver as 600 pessoas e encontrar a pessoa que melhor se adequasse ao guião do filme, pela sua participação, pela forma de falar, para não cansar o espectador, tudo isso foi

principalmente trabalho do realizador Mário Bastos.

Esta questão dos protagonistas vem a propósito do que habitualmente se vê todos os anos, aquando da comemoração do dia da independência. Dá sempre a impressão de termos já pessoas indigitadas para falarem sobre Angola, sobre a independência. Neste sentido, este documentário acaba por constituir um ponto de ruptura em relação a tudo que já nos habituámos a ver sobre a independência no que diz respeito aos protagonistas...

Isso sim está um bocadinho ligado à própria maneira de pensar da maioria das pessoas que estiveram à volta do processo e fundamentalmente da geração mais velha. Consideramos que a independência não foi feita por uma/duas ou três pessoas. Foi feita por todos e é preciso dar voz aos que não aparecem. É a

Entrevista **Paulo Lara**

nossa maneira de pensar. Concorramos que qualquer país necessita dos seus líderes, mas os líderes não estiveram sozinhos e não fizeram as coisas sozinhos. Tiveram por detrás muita gente. Esta é, evidentemente, uma das mensagens que nós queremos passar neste documentário.

Nesta questão é preciso estabelecer um ponto de ruptura em relação àquilo que aconteceu até ao ano passado, uma vez que este ano já teremos uma perspectiva diferente?

Nós não estamos a criar nenhuma ruptura. Pensamos estar no quadro justamente dessa evolução em que os 40 anos pós-independência permitem ver com maior objectividade o que foi a história. O tempo permite vermos as coisas com mais objectividade, com mais calma, sem demasiada emoção. Foi a característica do nosso País. Tivemos um país que esteve em guerra, o que não permitiu, ao longo desses vários anos, realizar esse trabalho antes. Só agora é que se torna possível fazê-lo e não porque não se quis que fosse feito antes. Por isso, não o vejo como uma ruptura, mas como uma evolução.

Uma evolução sem os factores emocionais a criarem empecilhos?

Sim. Mesmo na Assembleia, quando vemos os deputados a discutirem, mesmo quando as discussões se tornam muito quentes, há uma diferença na abordagem dos problemas. É o tempo que traz isso e creio que este documentário aparece, porque há esta forma mais calma de se poder ver as coisas, ver-se as

coisas com mais objectividade, já com os olhos secos.

O que é mais importante reter neste documento?

O que deve ficar retido é o que dizíamos há bocado. A luta pela independência foi feita por milhares de pessoas. Termos chegado onde nós chegámos, termos direito a sermos angolanos, foi obra de muita gente. Muitos ficaram pelo caminho, e o que eu gostaria é que a nova geração e as futuras tenham uma imagem desses mais velhos, naquela altura, lutando contra um sistema que eles não conheceram. Algo que eles não fazem ideia do que era. Eu próprio não conheci o colonialismo. Cresci fora de Angola. Entrei na luta sem ter sofrido o colonialismo. Conheceu-o o meu pai. Eu não. Portanto, lutei contra ele sem sofrer. Imagino que mais difícil será para a nova geração. O importante deste documentário é podermos deixar para o futuro a memória daqueles que viveram aquele período.

A ideia de afirmação da angolanidade deve sair mais reforçada depois deste documentário?

Espero que sim, porque um dos principais défices que temos actualmente, e que me magoa, é a falta de consideração por essa luta pela aquisição da angolanidade. E esta angolanidade a meu ver, está muito... em certos meios e fundamentalmente nas cidades, está muito confusa... E eu espero sim, espero que a juventude entenda que ser angolano e ter um passaporte angolano obrigou a que houvesse luta, que houvesse mortes, que houvesse

“O importante deste documentário é podermos deixar para o futuro a memória daqueles que viveram aquilo que foi esse período”

muita gente que ficasse pelo caminho, para hoje termos esse orgulho de mostrarmos não só a nossa bandeira, mas também o nosso passaporte.

Há duas dinâmicas no país no sentido da apreciação deste conceito de angolanidade?

Sem dúvida nenhuma, nas cidades sobretudo. No interior, o angolano é angolano. Agora para uma certa juventude, este conceito da angolanidade, a meu ver, está um bocadinho confuso. Não gostaria de entrar profundamente neste tema, porque acho que até iríamos fugir ao objectivo que é falar do documentário “Independência”, mas é



um problema de fundo que temos que estudar.

Se calhar tudo isso se dá exactamente pela ausência de documentos fílmicos como este (Independência) e não só, que não existem...

Também, também... É como diz a música do Manuel Rui e do Mingas: “Os meninos não sabem o que custou a liberdade”. O facto de não ter sabido o que custou a liberdade e estando num mundo muito material, em que há uma grande tendência em procurarmos muitas facilidades, faz com que alguns estejam inclusivamente dispostos a mudar a nacionalidade. É isso que me magoa. Sinceramente, para mim, o or-

gulho da independência é a bandeira e ser angolano. E eu vejo que esse “ser angolano” hoje... Há uma certa facilidade em não se dar o verdadeiro valor a isso.

Era um documento necessário para uma melhor compreensão do fenómeno que foi a luta de libertação nacional?

Não direi necessário, mas um documento importante. É um documento, que a meu ver, poderá contribuir do ponto de vista pedagógico. E poderá também dar uma imagem de Angola a nível internacional que pode ajudar a questionar certos preconceitos relativos à liberdade que se tem neste país.

PERFIL

General das Forças Armadas Angolanas, em situação de disponibilidade, começou a sua carreira militar em 1972, em Cabinda, como guerrilheiro do MPLA. Filho de Ruth e Lúcio Lara (dirigentes da luta de libertação) cresceu no meio nacionalista e estudantil do Congo-Brazzaville. Tinha 19 anos em 1975. É licenciado em Ciências Militares e em Relações Internacionais. Foi docente universitário e integra o Centro Avançado de Estudos Africanos da Universidade Agostinho Neto. Em 2003 iniciou a investigação sobre o período da luta de libertação e desde 2010 dirige o projecto “Angola - Nos trilhos da Independência”. É membro fundador da Associação Tchiweka de Documentação (ATD).

